

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
Instituto de Ciências Humanas  
Departamento de Antropologia  
70.910 - Brasília-DF  
Fones: 273.3264 (direto)  
274.0022 - ramal 2368

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL	
data	05, 08, 98
cod.	K4D00012

Série Antropologia nº 64

1988

A MORTE E AS MORTES DE CURT NIMUENDAJÚ

Roque de Barros Laraia

## A MORTE E AS MORTES DE CURT NIMUENDAJÚ

Roque de Barros Laraia

Em 1903, procedente da Alemanha chegou ao Brasil o jovem Curt Unkel, nascido em Jenna, em 1883. O seu único objetivo era o de conhecer os índios brasileiros. Com efeito, de 1905 a 1945, somente não esteve entre os índios em 1943 e 1944. Foram muitas as viagens de estudo que realizou, as que possibilitaram-lhe o contato com os seguintes grupos indígenas: Guarani, Kaingang, Ofaié, Oti, Terena, Tembé, Uru-bu-Kaapor, Aparai, Yuruna, Xipaya, Arara, Kayapó, Parintintin, Mura, Pirahã, Tora, Matanawi, Mawé, Palikur, Baniwa, Wanana, Tariana, Tukano, Maku, Apinayé, Canela, Krikarti, Krempukateyé, Pukobie, Guajajara, Tukuna, Xerente, Krahô, Fulniô, Xukuru, Pataxó, Kamakã e Maxakali.

Em 1906, os índios Apapukuva-Guarani, localizados em São Paulo, deram-lhe o nome de Nimuendajú. Os seus primeiros trabalhos publicados em "Zeitschrift für Ethnologie", em 1914 e 1915, foram assinados por Curt Nimuendajú-Unkel. Mas, em suas publicações posteriores, abandonou o sobrenome germânico e, em 1922, naturalizou-se brasileiro adotando o nome de Curt Nimuendajú. Morreu entre os Tukuna, no Alto Solimões, em dezembro de 1945.

O seu auto-didatismo foi compensado quando tornou-se correspondente do antropólogo americano Robert Lowie. Graças a isto publicou, nos Estados Unidos, as suas monografias sobre os índios Apinayé, Xerente, Canela e Tukuna. Com exceção da primeira, todas elas continuam inéditas em nossa língua. Entre os muitos trabalhos que publicou em alemão descamos "Os mitos da criação e da destruição do mundo como fundamento da religião Apapokuva", recentemente tradu-

zido para o português. Além disto elaborou um valioso "Mapa Etno-Histórico dos Índios do Brasil" que somente foi publicado quarenta anos após a sua morte, graças ao empenho de George Zarur. Nimuendajú foi também um pioneiro no estudo do parentesco entre os índios do Brasil e os seus trabalhos geraram, na década de 60, profícuas discussões entre os modernos antropólogos.

Por tudo isto, Curt Nimuendajú constituiu-se em uma das poucas entidades mitológicas da etnologia brasileira. Todos os novos antropólogos costumam a se maravilharem com a sua figura legendária. Empolgam-se com as aventuras de Nimuendajú junto a grupos, então, de difícil acesso, ou com a saga da pacificação dos Parintintin, na qual ele teve um papel proeminente. Os seus feitos passaram a ser considerados partes integrantes da epopéia de nossa ciência. É admirado, também, pela sua relação com Robert Lowie, um dos grandes nomes da antropologia americana. Trocaram cartas durante anos, sem jamais terem se encontrado, e Lowie tornou-se em um tipo de orientador acadêmico de Nimuendajú. Apesar desse relacionamento, Nimuendajú sempre recusou a ter um contato mais direto com o mundo acadêmico.

Mas se a sua vida já faz parte de nossa mitologia, é a sua morte, ocorrida em 10 ou 11 de dezembro de 1945, que se tornou em um mistério que tem intrigado a muitos antropólogos, há mais de quatro décadas.

Desde o nosso ingresso na carreira, exatamente 3 lustros após o passamento de Nimuendajú, tomamos conhecimento de uma versão corrente na tradição oral de nossa comunidade científica. Segundo esta versão, Curt Nimuendajú teria sido morto, por envenenamento, pelos próprios índios Tikuna, descontentes com o envolvimento amoroso de Curt com mulheres do grupo. Esta história fazia sentido porque era do conhecimento de todos os seus casos, até mesmo casamentos, com mulheres

Apinayé. Seria oportuno recordar que foi através dessas mesmas fontes que ficamos sabendo que os ossos de Nimuendajú foram recolhidos por Harald Schurtz, a pedido de Herbert Baldus, e que durante muitos anos ficaram guardadas no setor de Etnologia do Museu Paulista, em uma caixa de papelão, segundo uns, em uma igaçaba, segundo outros. Em 1981, Tekla Hartmann, responsável por aquele Setor, providenciou o enterramento dos restos mortais de Nimuendajú.

Recentemente, a questão da morte de Nimuendajú voltou a tona com a tese de doutoramento de João Pacheco de Oliveira Jr., "O Nosso Governo - Os Tikuna e o Regime Tutelar", Programa de Pós-Graduação do Museu Nacional, 1986, na qual em seu capítulo VI, o Autor apresenta várias versões para a morte do antropólogo. As setes versões de Pacheco estão em nosso trabalho resumidas para quatro. Desta forma exercisamos o valor mágico do número e eliminamos algumas repetições.

A primeira versão é a do Tikuna Nino, contada na época da morte de Nimuendajú a um agente do Serviço de proteção aos Índios. Curt teria sido vitimado por convulsões e uma fulminante hemorragia oral que lhe causou morte instantânea. Segundo Nino, a causa mortis seria um café envenenado por um civilizado da região, desgostoso com a atuação indigenista de Nimuendajú.

A segunda versão é a de Nunes Pereira que, em fevereiro de 1946, esteve na região. Este antropólogo acredita, também, na possibilidade do envenenamento afastando a hipótese da morte natural. Na época, contudo, não explicou as razões que o levaram a aceitar a hipótese do homicídio. Muitos anos depois, em depoimento a João Pacheco de Oliveira Jr., Nunes Pereira referiu-se a um depoimento que lhe teria sido prestado por Nino. Este lhe teria dito que "Nimuendajú anteriormente se casara com uma de suas filhas e que agora pre-

tendia casar com uma de suas sobrinhas, uma filha do irmão de Nino. Em conseqüência da insistência do etnólogo, ele havia decidido envenená-lo".

A terceira versão apresentada é exatamente a mesma que circulava entre a comunidade científica e que citamos acima. Ela é compatível com o segundo depoimento de Nino.

Finalmente, existe uma quarta versão citada por João Pacheco, é a que circulava entre os moradores brancos de Santa Rita do Weil, segundo a qual "os índios teriam envenenado a Nimuendajú para saquearem os seus pertences".

Na verdade, podemos reduzir ainda mais as versões de Pacheco para apenas três: a primeira, os brancos seriam os responsáveis pela morte, na segunda e na terceira, os responsáveis seriam os Tikuna, tendo como causa o envolvimento do antropólogo com mulheres indígenas e o saque de seus bens, respectivamente.

De fato, para quem teve uma vida tão aventureira, uma morte apenas não seria suficiente como desfecho. Assim, cabe-nos discutir neste artigo a morte e as mortes de Nimuendajú, ocorrida ou ocorridas numa longínqua cidade do Alto Solimões, em um tempo já bastante distante, mas marcante na vida da região. Era exatamente o ano do término da segunda guerra mundial e o início da segunda grande queda nos preços da borracha. Os Tikuna, então, viviam em um regime de semi-escravidão nos grandes seringais.

A primeira morte atribui ao herói uma nova face: a de mártir dos conflitos interétnicos existentes na região. O veneno (qual seria? cianureto, provavelmente) colocado no café tinha como objetivo calar uma voz que se levantava contra a escravidão do índio, o roubo de suas terras, a pilhagem de suas riquezas, a destruição de seus valores culturais. E mais do que isto, teria sido um ato de vingança contra aquele que, de certa maneira, fôra o responsável pela

instalação do Serviço de Proteção aos Índios na região. De fato, os Tikuna viviam em contato com os brancos, e eram por estes explorados, desde o início do século, mas foi somente em 1943 que o órgão protecionista passou a atuar na área. Tal fato poderia ter sido considerado como consequência das diversas viagens de Nimuendajú. Os seus relatórios teriam atraído a atenção do Governo Federal e a presença do mesmo na região era a última coisa que os seringalistas desejavam. Por menos eficiente que fosse a atuação oficial não deixava de ser um empecilho ou um constrangimento para aqueles que estavam acostumados a agir impunemente. Esta primeira versão, tinha uma grande aceitação por parte dos índios. Afinal era uma maneira de incriminar os seus inimigos tradicionais e, de certa forma, reverenciar a memória de Nimuendajú, um branco que por ser bom tinha sido eliminado pelos seus semelhantes. Esta versão tinha tudo, também, para ser aceita pelos antropólogos, pois tinha a capacidade de tornar mais dramático o conflito interétnico, além de contemplar a comunidade científica com um herói.

Entretanto, como vimos, não foi a primeira versão que mais circulou entre os antropólogos, no decorrer das últimas quatro décadas. Mas foi exatamente aquela que atribuía aos índios a culpa pelo envenenamento (qual seria o veneno? provavelmente um congênere do curare). Em todo o caso, esta versão tinha a propriedade de ser atraente pelo que tem de picante. Ao invés de ser vitimado pelo conflito interétnico, o nosso herói sucumbiu aos doces males do amor. No lugar de um herói épico surge a figura do herói galante. É conveniente lembrar que esta versão sempre foi de "uso interno", a sua divulgação ocorria apenas entre os iniciados e somente através da via oral: um segredo que não podia ser escrito para não correr o risco de extrapolar os limites permitidos. Tal postura, explica o silêncio de Nunes Pereira. Silêncio, con-

seguido a duras penas, porque o nosso saudoso Nunes Pereira era um homem pródigo no falar, generoso em revelar as muitas histórias que sabia. Mas neste ponto, só muito tarde no final da vida é que resolveu falar sobre o caso.

Resta a terceira versão, a dos civilizados, mas refulgida por índios e etnólogos: a de que os próprios Tikuna seriam os responsáveis pela morte e que o objetivo era roubar os bens do antropólogo. Em primeiro lugar, ninguém precisa roubar aquilo que vai lhe ser dado: os bens de Nimuendajú sempre constavam de presentes que levava para distribuir entre os índios. As suas cardenetas de campo, onde anotava as suas observações, não tinham para eles nenhum valor, tanto que foram recuperadas por Nunes Pereira. Em segundo lugar, esta versão é mais uma expressão do preconceito contra os índios e pretendia reforçar, ainda mais, a constelação de estereótipos negativos capaz de imputar aos mesmos os mais hediondos comportamentos. Pretendia demonstrar que os Tikuna não eram confiáveis e, por isto, mereciam ser tratados duramente.

O que pretendemos, agora, é apresentar uma outra versão. É estranho que esta não tenha surgido com mais força neste longo inquérito que já dura quase meio século, apesar de ser a hipótese de maior viabilidade: a morte natural de Curt Nimuendajú. É verdade que a aceitação desta ocorrência constitui um elemento que torna menos dramática a história. Talvez, por isto, tenha sido ignorada.

Mas, houve quem aceitou esta hipótese e até mesmo a relatou em um pequeno artigo escrito em 1946, na revista Sociologia, provavelmente muito pouco conhecido pelos antropólogos atuais. Foi justamente outro etnólogo alemão, que também se tornou brasileiro: Herbert Baldus, falecido em 1970.

Baldus começa o seu artigo referindo-se a morte de Nimuendajú: "Faleceu em terra de seus queridos índios,

como, em 1924, Theodor Koch-Grümbert. No século XX ninguém contribuiu tanto para o estudo dos aborígenes brasileiros como estes alemães. E ainda que as doenças adquiridas por eles na Amazônia os colocassem em grande perigo de vida, nenhum deles arrefeceu no que considerava seu dever".

A propósito do trabalho junto aos Tikuna, Baldus faz referência a uma carta de Nimuendajú, datada de 17 de fevereiro de 1941. na qual ele declara: "De saúde vou bem, estou engordando com esta vida de índio. Com os Tukuna vivo como Deus com os anjos e a odiosidade de certos civilizados não me incomoda".

Mas a carta que mais nos interessa é datada de 10 de novembro de 1943 e escrita no Rio de Janeiro: "Fazendo os indispensáveis exames gerais, análises, etc., os médicos chegaram a conclusão que o meu estado sanitário era tal que eu devia abandonar de uma vez e para sempre a minha vida de sertão e de convivência com os índios. De fato, impuzeram-me tal dieta que eu jamais poderia cumprir senão malmente nos grandes centros da civilização. A mim semelhante solução causou uma grande tristeza. O Sr. bem sabe como eu amava esta vida e como eu estava identificado com os índios. Parece-me incrível que eu nunca mais hei de ver os campos dos Canelas banhados de sol, nem os igapós sombrios dos Tukuna. Além do que eu pensava ainda de fazer algumas coisas que agora talvez nunca mais serão feitas".

Segundo Baldus, Nimuendajú terminou esta carta com a frase melancólica: "Eu já estou definitivamente fora de combate". Não era verdade. Ou porque houve uma melhora em seu estado de saúde, ou porque simplesmente, como fazem os heróis, resolveu ignorar as proibições médicas, em maio de 1945, Nimuendajú escreveu para Baldus: "Ao que parece terei de fazer em breve uma nova viagem aos Tukuna".



Essa não foi a última carta para Baldus, mas sim a que foi escrita em 6 de dezembro de 1945, poucos dias antes da morte. Nela Nimuendajú "falava de seus planos de pacificação dos Parakanan, que as vezes surgia na Estrada de Ferro Tocantins" e que foram "pacificados" cerca de 30 anos após a morte de Nimuendajú. Os planos e as cartas terminaram aí, provavelmente quando o seu organismo, desgastado por tantas malárias, envenenado por tanto quinino, recusou a continuar a luta na qual Nimuendajú empenhou a sua vida.

Esta versão não diminui mas aumenta o repertório de mortes de Nimuendajú. Apenas uma morte natural, dirão alguns; ou a morte resultante de um sacrifício em prol de uma causa, dirão outros; ou a escolha entre fechar os olhos em um centro civilizado, que pouco apreciava, ou junto aos sombrios igapós, desprezando para isto os conselhos médicos. Mas isto é suicídio, dirão alguns poucos. O fato é que para Curt Nimuendajú uma só morte seria pouca...

PRINCIPAIS OBRAS DE CURT NIMUENDAJÚ

Tehe Apinayé. Catholic University of America Press.

Washington, 1934.

The Serente. Frederick Weeb Hodge Aniversary Publications.

Los Angeles, 1942.

The Eastern Timbira. University of California Press,

Berkeley and Los Angeles, 1946.

The Tukuna. University of California. Publication in

American Archaeology and Ethnology. Berkeley and Los Angeles,  
1952.

"Die agen von der erschaffung und vernichtung der religion  
der Apapoluva-Guarani" in Zeitschrift für Ethnologie, vol. 46,  
Berlim. Traduzido para o português: As lendas de criação e  
destruição do mundo, Hucitec/EDUSP, São Paulo, 1987.

"Segen der Tembé-Indianer" in Zeitschrift für Ethnologie,  
Berlim, 1915.

"Os índios Parintintin do Alto Madeira" in Journal de la  
Société des Américanistes, NS, XVI, Paris, 1924.

Mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendajú. Fundação Instituto  
Brasileiro de Geografia e Estatística em coolaboração com  
a Fundação Nacional Pró-Memória, Rio de Janeiro, 1981.